

Cartografia e educação popular

O Museu Cartográfico de Élisée Reclus e Charles Perron em Genebra (1907-1922)

Cartografía y educación popular. El Museo Cartográfico de Élisée Reclus y Charles Perron en Ginebra (1907-1922)

Cartographie et éducation populaire. Le Musée Cartographique d'Élisée Reclus et Charles Perron à Genève (1907-1922)

Cartography and popular education. The Cartographic Museum by Élisée Reclus and Charles Perron in Geneva (1907-1922)

Federico Ferretti

Translator: David Palacios



Electronic version

URL: <http://terraBrasilis.revues.org/164>

DOI: 10.4000/terraBrasilis.164

ISSN: 2316-7793

Publisher:

Laboratório de Geografia Política -
Universidade de São Paulo, Rede Brasileira
de História da Geografia e Geografia
Histórica

Electronic reference

Federico Ferretti, « Cartografia e educação popular », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 1 | 2012, posto online no dia 05 Novembro 2012, consultado o 30 Setembro 2016. URL : <http://terraBrasilis.revues.org/164> ; DOI : 10.4000/terraBrasilis.164

The text is a facsimile of the print edition.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Cartografia e educação popular

O Museu Cartográfico de Élisée Reclus e Charles Perron em Genebra (1907-1922)

Cartografía y educación popular. El Museo Cartográfico de Élisée Reclus y Charles Perron en Ginebra (1907-1922)

Cartographie et éducation populaire. Le Musée Cartographique d'Élisée Reclus et Charles Perron à Genève (1907-1922)

Cartography and popular education. The Cartographic Museum by Élisée Reclus and Charles Perron in Geneva (1907-1922)

Federico Ferretti

Translation : David Palacios

EDITOR'S NOTE

A presente é a tradução portuguesa do artigo publicado em francês neste mesmo número como *Cartographie et éducation populaire: Le Musée Cartographique d'Élisée Reclus et Charles Perron à Genève (1907-1922)*.

La presente es la traducción portuguesa del artículo publicado en francés en este mismo número como *Cartographie et éducation populaire: Le Musée Cartographique d'Élisée Reclus et Charles Perron à Genève (1907-1922)*.

Cet article est la traduction portugaise de l'article publié dans cette même numero en français sous le titre *Cartographie et éducation populaire: Le Musée Cartographique d'Élisée Reclus et Charles Perron à Genève (1907-1922)*

This is the Portuguese translation of the paper published in this same number in French

as Cartographie et éducation populaire: Le Musée Cartographique d'Élisée Reclus et Charles Perron à Genève (1907-1922).

Introdução

- 1 A coleção de cerca de 10.000 mapas deixados à Biblioteca de Genebra pelo geógrafo anarquista Élisée Reclus (1830-1905) e seu cartógrafo e companheiro de militância Charles Perron (1837-1909) constitui uma fonte excepcional, e ainda pouco explorada, para a história da cartografia. Encontram-se ali os originais dos mapas desenhados por Perron, entre 1875 e 1894, para a *Nouvelle Géographie Universelle* (*Nova Geografia Universal*, em diante NGU), assim como rascunhos, provas e notas de trabalho que permitem analisar a “fábrica” da monumental obra reclusiana de 19 volumes. Mas encontram-se sobre tudo mapas de todo gênero, do século XVI ao XX (incluindo reproduções das mais célebres cartas da antiguidade e da idade média), recolhidos durante decênios pelos dois geógrafos como fontes para a sua obra enciclopédica. Uma seleção dela constitui aliás o pedestal do Musée Cartographique de la Ville de Genève [Museu Cartográfico da Cidade de Genebra].¹
- 2 Esta instituição, aberta em 1907 sob a direção de Perron após a morte de Reclus e depois de quinze anos de negociações, liga-se explicitamente à ideia de educação popular, laica, científica e progressista que aproximava os anarquistas da época aos republicanos e liberais mais avançados. Dirige-se ao mesmo tempo a jovens em idade escolar e a adultos das classes populares. O museu, apesar dum certo sucesso público, fechará suas portas em 1922, mas seus materiais cartográficos, assim como os estudos de que foram objeto, tem sobrevivido.
- 3 Na historiografia contemporânea, os museus abertos nesta época são considerados monumentos ou altares dos Estados nacionais: quais podem ser os objetivos dum museu projetado por autores claramente heterodoxos e financiado por uma instituição um tanto especial, como é a cidade republicana de Genebra? O que significa um museu cartográfico para geógrafos que são ao mesmo tempo os fundadores do movimento anarquista internacional? Que papel joga a crítica do mapa bidimensional, constante na sua obra?
- 4 Para responder estas questões iremos analisar, com a ajuda da literatura existente, o rico fundo cartográfico depositado na Bibliothèque de Genève [Biblioteca de Genebra] e os artigos e livros em que Reclus e Perron abordam os problemas da educação popular, do ensino da geografia e do emprego de cartas, globos e relevos nesta tarefa. Enfocaremos particularmente os documentos concernentes ao museu, seu catálogo, e a implicação de instituições locais como a municipalidade genebresas e a Société de Géographie de Genève (Sociedade de Geografia da Genebra, em diante SGG).

A gênese do museu: geografia e educação popular

- 5 O Museu Cartográfico da Cidade de Genebra, aberto entre 1907 e 1922 no palácio dos Bastiões, que ainda hoje abriga à Biblioteca da Genebra e seu Departamento de Cartas e Planos, é o resultado do compromisso perseverante e voluntarista do cartógrafo e militante anarquista genebrês Charles-Eugène Perron, que lutou por sua instituição perante a SGG e as instituições genebresas. Este compromisso começa em 1891, quando Élisée Reclus, ao retornar à França, deixa a sua coleção de mapas na Suíça, onde trabalhara desde 1872 numa grande empresa: a redação da monumental NGU.

- 6 Foi Perron o cartógrafo deste trabalho coletivo² que viu a publicação de mais de 6.000 mapas, que aproximam-se daquilo que hoje chamamos «cartografia temática». Para a produção destas imagens, Reclus e Perron apoiaram-se em fontes de todo gênero, enviadas por correspondentes seus em todos os cantos do globo, animados por seu propósito de dispor dos dados mais em dia possíveis para cada lugar estudado na sua obra. Perron apresenta esta coleção cartográfica numa sessão da SGG, precisando que ela contem os
- mapas, planos e relevos topográficos que serviram na preparação dos dezesseis volumes já aparecidos da NGU. Esta coleção única compreende mais de 6000 mapas. Há nela pouco de curiosidades bibliográficas ou históricas; mas consiste em geral das melhores cartas modernas que se possuem, o que tem um grande valor para os geógrafos práticos. O mérito desta coleção é realçado ainda pela presença dum grande número de esboços e levantamentos originais enviados diretamente a M. Reclus. M. Charles Perron declara que coloca esta rica coleção à disposição de seus colegas, membros da SGG, que podem visitá-la e consultá-la na sua casa, no aguardo dele tomar as medidas necessárias para fazê-la acessível a um público maior.³
- 7 O propósito de fazer conhecer este patrimônio cartográfico a um público mais vasto daquele dos especialistas está fortemente enraizado no enfoque geográfico reclusiano. Élisée Reclus e seus colaboradores (Perron, mas também outros geógrafos anarquistas como Lev Metchnikoff e Piotr Kropotkin) não foram geógrafos acadêmicos: viveram principalmente da sua pluma, e a sua capacidade de alcançar o grande público é ao mesmo tempo uma necessidade material e uma escolha política declarada. De fato, estes cientistas, enquadrados na postura evolucionista da sua época, eram também militantes, para os quais a ideia que a geografia pode ser útil à educação popular (tanto de crianças quanto de adultos) é parte central da sua abordagem.
- 8 Nos médios de militantes da *Fédération Jurassienne* [Federação de Jura], secção suíça da Internacional Antiautoritária que se separa dos marxistas em 1872, encontram-se as primeiras afirmações do movimento da pedagogia libertária, que irá ser muito difundido na Europa nos decênios seguintes.⁴ Em 1868, Perron publica em Genebra o panfleto *De l'obligation en matière d'instruction* [Da obrigatoriedade da instrução], onde ele afirma claramente a sua ideia da centralidade estratégica da difusão da instrução pública na a tarefa do progresso social e da transformação da sociedade. “A ignorância, eis o vício social orgânico, a causa primeira da desordem! É ali que deve-se bater, e bater forte, pois se conseguimos fazer desaparecer esta lepra, a verdadeira, a última revolução será realizada”.⁵ Em 1876 Reclus e Perron constituem em Vevey uma secção da *Federação de Jura*, que edita o jornal *Le Travailleur* [O Trabalhador], no qual eles propugnam a criação de escolas libertárias e de universidades populares em que a geografia encontraria logo um lugar preponderante.
- 9 Como afirmam os membros desta seção,
- estamos bem longe de ter assegurada a instrução de que precisamos para lutar com vantagem contra os opressores. Por uma sangrenta ironia da sorte, é a eles que temos de pedir o que aprendemos. A maioria dentre nós é forçada ainda a enviar suas crianças a escolas em que os homens, a soldo da burguesia, trabalham para perverter o bom senso e a moral ensinando não as coisas da ciência, mas as fábulas impuras do cristianismo, não as verdades do homem livre, mas as práticas do escravo.⁶
- 10 Apesar do lugar comum que vê-los como “utopistas”, os anarquistas desta época desenvolveram com este objetivo posturas basante pragmáticas, inclusive às vezes frequentar os republicanos e os liberais comprometidos na construção da educação

primaria laica. Dar aos filhos das classes populares a possibilidade de se alfabetizar fora da educação confessional é então uma prioridade para os intelectuais libertários: é isto que explica, na França, a colaboração direta de anarquistas como James Guillaume e Paul Robin com Ferdinand Buisson no seu *Dictionnaire de Pédagogie* [Dicionário de Pedagogia] e em outras experiências pedagógicas financiadas diretamente pelo Ministério da educação pública.⁷

- 11 Charles Perron, nas suas gestões ante a SGG e os poderes públicos genebrinos, não faz outra coisa que dirigir-se à burguesia liberal local em nome dum projeto pedagógico popular e “científico”, o que na época significa antes de tudo “não-religioso”. Um dos membros mais célebres da SGG, correspondente de Reclus e titular da primeira cadeira de geografia em Genebra, William Rosier, será um dos principais sustentáculos do projeto de Perron. Este geógrafo é também um dos dirigentes do partido radical genebrês, e como sublinham seus biógrafos, seu compromisso com a educação popular é coerente com esta faceta. “Mais tarde, de 1906 a 1918, Rosier representa o partido no Conselho de Estado, órgão executivo do Cantão de Genebra. Suas grandes vitórias estão relacionadas com a melhora duma escola que visava ser o mais igualitária possível”.⁸
- 12 Assim, como lembra a atual conservadora do Departamento de Cartas e Planos, Marianne Tsioli:
- 13 em 1893 Perron deposita na Biblioteca os seis mil oitocentos treze mapas reunidos em quarenta e três portfólios que vão constituir sua coleção cartográfica. Em 1902, ele acrescenta duzentas quarenta e cinco cartas, oitenta fotos e quarenta e um relevos. Perron e Reclus juntaram a este presente várias obras de geografia e atlas, com o fim de promover o estudo da geografia.⁹

A cartografia e os desafios da terceira dimensão do mundo

- 14 Mas o projeto não se concretizou tão rápido. Charles Perron, aguardando poder realizar a disposição pública destes fundos, produz junto com Reclus (que no momento encontrava-se instalado na Bélgica, na Université Nouvelle de Bruxelles [Universidade Nova de Bruxelas]), as obras do que então vai-se chamar de “cartografia nova”.
- 15 Cientes dos ensinamentos de Carl Ritter sobre a insuficiência da carta geográfica bidimensional como representação do mundo, assim como do monopólio então exercido pelos exércitos e pelos Estados sobre a cartografia topográfica, os geógrafos anarquistas desenvolveram uma crítica da carta plana, que levou-os experimentar a construção de representações tridimensionais do mundo.
- 16 O exemplo mais célebre desta abordagem é o projeto dum Grande Globo na escala de um para cem mil, apresentado por Reclus para a exposição universal de 1900 em Paris. Segundo Reclus,
- 17 o globo ultrapassa à carta no gênero da verdade: representa o planeta na sua estrutura verdadeira, moldeia-se exatamente aos contornos verdadeiros, enquanto que as cartas, tanto mais falsas quando aplicadas a partes maiores da superfície planetária, não podem mais do que enganar o leitor com respeito às dimensões relativas de regiões diferentes [entanto que] sobre a redondeza dum globo artificial erro nenhum é possível com relação à superfície relativa das diversas individualidades terrestres.¹⁰

- 18 Não retomaremos a história do Grande Globo, que é bem conhecida e que tem sido bastante estudada,¹¹ mais do que para sublinhar que os trabalhos de Perron na Suíça, na década de 1890, enquadram-se neste mesmo projeto. Perron trabalha num relevo da Suíça na escala de 1 para 100.000, que não é outra coisa que a primeira peça do enorme globo de gesso de 127,5 metros de diâmetro. Um trabalho paralelo encontra-se em curso então na Escócia, sob a direção de Patrick Geddes, amigo de Reclus e apoio entusiasta do Grande Globo. Reclus escreve a Perron:

Que belo fragmento do nosso Globo será a Suíça [...] Vossa Suíça, que vós obterás sem dúvida a partir de levantamentos de montanha tomados sobre o modelo primitivo, será desde já a peça principal de ataque. Combinamos, eu acredito, que o projeto seja firmado para mim só. Desde que eu esteja em capacidade de passar à execução, apareceremos na nossa trindade [...] Se esta carta da Escócia começa, sem dúvida pelo pequeno fragmento Edimburgo-Glasgow, ela levará, se não vos parece prematuro, a menção: Fragmento do Globo Projetado por E.R., Ch. P. et P.R.¹²

- 19 Os relevos visam construir uma representação do mundo em três dimensões reproduzindo da forma mais correta possível a curvatura terrestre e, sobre tudo, apresentando as alturas na mesma escala que os comprimentos, enquanto a maioria dos relevos da época exageravam as dimensões relativas das montanhas com o fim de fazê-las perceptíveis à pequena escala. Isto implica a utilização da grande escala, necessariamente maior que o milionésimo (generalmente, de 1/500.000 a 1/5.000).
- 20 Em 1894, Perron apresenta seu primeiro projeto de relevo da Suíça ao gabinete da SGG, que aceita o princípio mas precisando que seu apoio não poderá ser senão “moral”. “M. Perron preparará, para a exposição de 1896, uma carte relevo da Suíça a 500.000 segundo seu método. Ele solicitou à Sociedade interessar-se no assunto: convida o Comitê a ir visitar seu trabalho. O Presidente respondeu-lhe que a Sociedade podia fazer-lhe um subsidio, que não poderia alias ser mais do que uma bagatela, e que ela iria se interessar moralmente no assunto.”¹³ Em tudo caso, “M. Perron agradece à Sociedade pela sua eventual subscrição à carta projetada, e aceita a condição de dar um quarto dos ingressos uma vez pagas as despesas”.¹⁴
- 21 Perron não irá participar na Exposição de Genebra de 1896, mas em revanche começa a trabalhar no seu relevo a 100.000 para a exposição de Paris, fixando nisto as regras da sua “nova cartografia”:

1. Os relevos tem por objeto mostrar a configuração do solo tal como ele é. 2. Eles não devem admitir nenhuma das convenções em uso nas cartas de geografia. 3. Nada deve ser representado ali que não seja à escala. 4. Os relevos, que representam toda ou parte da crosta terrestre, devem ter a curvatura exata. 5. Os relevos devem ser construídos a partir de procedimentos mecânicos suficientemente precisos para que o resultado tenha exatidão matemática. 6. Os relevos pertencem ao domínio das ciências exatas, nas quais a arte só deve intervir em segunda linha.¹⁵

- 22 O princípio científico desta proposição é aceito pela SGG, cujo secretário, Arthir de Claparède, oferece uma comunicação consagrada aos relevos de Perron no Congresso Internacional de Geografia, realizado em Berlim em 1900. “A grande vantagem do relevo e a de complementar as cartas mostrando a superfície da terra na sua forma verdadeira, o que não podem fazer aquelas com as numerosas convenções que é da sua mesma natureza admitir. É assim que, segundo os maiores geógrafos, elas inoculam-nos ideias errôneas que os relevos estão precisamente chamados a destruir ou a prevenir”.¹⁶
- 23 No entanto, o projeto do Grande Globo falha por falta de financiamento, enquanto Perron, de acordo com Reclus, continua o relevo da Suíça com o fim de apresentá-lo na Exposição

independentemente do Globo. Sabemos, por uma longa carta que escreve ao pintor genovês e simpatizante libertário Daniel Baud-Bovy, que Perron obteve um subsídio de 1.500 francos do Conselho federal suíço, revogado depois por causa da intervenção de um grupo de cartógrafos zuriquenses ciumentos do sucesso deste cartógrafo genebrês e aliás anarquista. Encontrar apoio financeiro em Genebra foi complicado pois, segundo Perron, “são pouco prestativos nossos aristocratas genebreses”.¹⁷ Sozinha, a notável exceção do chocolateiro Suchard, que oferece-lhe um subsídio de 5.000 francos a título de mecenato, depois de ter sido informado das medidas adotadas na Suíça alemânica contra o cartógrafo. Só ficava agora colocar mão na massa: como Perron deve terminar seu relevo sozinho, seu regime de trabalho nestes anos relembra o proverbial estilo de vida de Reclus. “Devo trabalhar 15 horas por dia, até os domingos, velar continuamente até dez horas. No inverno levanto-me às 4 horas, acendo minha lâmpada e meu fogão e fico no trabalho até as cinco horas”.¹⁸ Reclus, desde Bruxelas, não deixa de encorajar seu camarada: “Mesmo que vosso assunto esteja atrasado, não me parece que esteja enterrado: naturalmente, tereis de prosseguir com perseverança incansável”.¹⁹

- 24 O relevo participa finalmente na exposição de Paris, chegando a ganhar uma medalha de ouro. Em Genebra, este painel de gesso que representa em relevo toda a Suíça foi exposto com todas as honras no prédio eleitoral do 26 de dezembro de 1900 a 13 de janeiro de 1901, para ao final encontrar colocação permanente no átrio da Universidade de Genebra.
- 25 No mesmo período, já idoso e doente, trabalha na sua última tentativa de representação do mundo nas suas três dimensões: os atlas globulares, ou mapas esféricos, que citamos pela sua implicação no projeto do Museu. Trata-se de folhas recurvadas de alumínio, de superfície lisa, mas cuja convexidade consegue reproduzir a curvatura terrestre em pequena escala, principalmente na de 1/5.000.000. Desta forma, eles representam os diferentes países nas suas verdadeiras proporções, ao contrário dos atlas e dos planisférios convencionais. Segundo Reclus, tirando os oceanos, 50 folhas de 46 centímetros de lado bastariam nesta escala para representar o planeta num Atlas só, cujas dimensões seriam um pouco volumosas, mas em tudo caso manejáveis para o uso didático, pois as folhas podem empilhar-se uma sobre a outra e ser assim transportadas.
- 26 Com efeito, o fito destas representações é, mais uma vez, pedagógico: estas placas devem servir na sala de aula, a partir da primária. É na idade da educação primária, segundo Reclus, que as cartas bidimensionais são mais perigosas, pois elas enganam a inteligência da criança pela inoculação de modelos errôneos: o geógrafo afirma em 1903, perante a assembleia da *Royal Geographical Society* [a Real Sociedade Geográfica] de Londres, que a carta plana, no nível primário, devia ser “completamente interdita”.²⁰ Depois de ter apresentado este último projeto em Londres e em Berlim, Reclus morre em 1905 sem ter podido acabar seu Atlas globular, mas as primeiras placas de ensaio, construídas por Émile Patesson, são enviadas à Suíça, onde Perron irá incluí-las na sua coleção. Estas experimentações cartográficas, incluindo a produção de pequenos globos de papelão para as salas de aula da escola primária, são mostra das relações diretas que a Universidade Nova de Bruxelas mantinha com as escolas libertárias ativas na época, especialmente a *Escuela Moderna* de Barcelona, dirigida por Francisco Ferrer y Guardia.²¹

A exposição: estratégias de comunicação

- 27 O novo prestígio adquirido por Perron após a Exposição Universal de 1900 contribui sem dúvida para o sucesso de seus esforços voluntaristas e pertinazes pelo museu cartográfico:

“Perron, nomeado oficialmente curador em 1903, empreende a classificação metódica e a catalogação da coleção, obtendo aliás um crédito especial [...] Em 1905, o Dépôt des cartes de la Ville de Genève [Depósito de mapas da Cidade de Genebra] instala-se no prédio dos Bastiões”.²²

- 28 Depois da participação do *Conseil administratif de la Ville de Genève* [Conselho administrativo da Cidade de Genebra], as instituições emitiram também um chamado de doações para completar e colocar os fundos em dia. Segundo Perron, “este chamado teve pleno sucesso. É assim que em 1902 e 1903, a mapoteca aumenta-se em mais de mil mapas, numerosos atlas, cartas murales, etc., provenientes na maior parte de doações.²³ Em 1904, o cartógrafo apresenta à SGG o estado desta “mapoteca”:

Encontra-se para cada país, além dos mapas de Estado-maior e outros mapas gerais, numerosas cartas regionais, planos de cidades, etc., assim como mapas relativos à arqueologia, à etnografia, à política e à guerra. Há, mais ainda, mapas relativos à geologia, à produção natural do solo, à agricultura, à indústria, ao comércio, às vias de comunicação, à estatística, etc. Um grande número de cartas levam anotações da mão de M. Reclus, o que não diminui seu valor [...] Nossa mapoteca contém todavia outros documentos, entre os quais encontram-se, também em grande número, mapas especiais com dedicatória de seus autores e mapas manuscritos de exploradores; outros, também manuscritos, de cartógrafos conhecidos como Vuillemin, de gravadores célebres como Collin; e, por fim, algumas peças raras.²⁴

- 29 O 14 de novembro 1907, o Museu Cartográfico da Cidade de Genebra abre as suas portas, com a presença de Perron, Rosier, de Claparède e do vereador da Cidade de Genebra Pignet-Fages, que pronuncia um discurso de inauguração.²⁵ Como ressalta Marianne Tsioli, esta “iniciativa particular provocou uma verdadeira comoção na raiz da geografia moderna, transformando uma simples coleção de biblioteca enciclopédica num conjunto único e excepcional”.²⁶ A mesma autora observa claramente a continuidade pedagógica entre a NGU, com a qual “Reclus e Perron visavam colocar o saber geográfico à disposição de todos”,²⁷ e o Museu Cartográfico, concebido para “interessar o grande público [...] e facilitar o trabalho dos estudiosos”.²⁸
- 30 A exposição, integrando apenas parte do enorme fundo cartográfico, é organizada em cinco séries principais: mapas-múndi (176 peças); história do desenho cartográfico (55 peças); cartas marinas (30 peças); cartas da Suíça (50 peças); cartas do cantão e da cidade de Genebra (40 peças), mas uma seção de “cartas diversas” (10 peças). Como exemplo da “nova cartografia”, um disco globular de Reclus representando o Mediterrâneo ocidental foi colocado no final da seção de história do desenho cartográfico para lembrar, como escreve Reclus a Perron, “que a terra é redonda e que os mapas lógicos devem sê-lo também” (Figura 1).²⁹

Figura 1: Élisée Reclus e Emile Patesson, *Carta Globular do Mediterrâneo Ocidental* (Bruxelas, 1903)

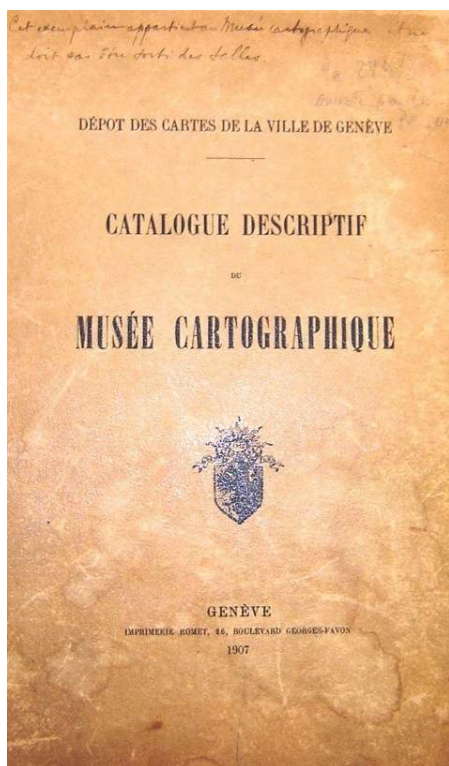


UM DOS DISCOS GLOBULARES EXISTENTES NA BGE (BIBLIOTECA DE GENEBRA, DEPARTAMENTO DE CARTAS E PLANOS), FEITO EM ALUMÍNIO, ESCALA DE 1 : 5 000 000.

FOTOGRAFIA DO AUTOR.

- 31 Duas publicações acompanham a abertura do Museu Cartográfico. A primeira é o seu catálogo, que inclui uma ficha descritiva sintética de cada mapa exposto, e uma curta introdução para cada seção da exposição, que evita entrar nos detalhes técnicos. “O catálogo não irá tratar dos métodos sucessivamente empregados na construção dos mapas, como também não das pesquisas relativas às espinhosas distinções de fontes, de escolas, etc., sendo estas questões analíticas árduas e especiais demais para encontrarem espaço numa exposição simples feita, tanto quanto possível, à medida de todos”.³⁰

Figura 2: Capa do *Catálogo Descritivo do Museu Cartográfico* (1907)



BIBLIOTECA DE GENEBRA (BGE).

FOTOGRAFIA DO AUTOR.

- 32 A segunda é uma obra de Perron, publicada em Paris pela *Revue des Idées* [*Revista das Ideias*], sobre a história dos mapas-múndi desde a antiguidade até o século XIX, no qual a preocupação pedagógica prevalece ainda:

Anelo conseguir fazer compreender, ao menos em parte, a importância que os museus cartográficos podem ter tanto para os estudos científicos como para a instrução pública. Não basta, com efeito, com saber da existência de velhos documentos da história da cartografia, é preciso que, como os quadros nas galerias de arte, eles sejam acessíveis a todos. Escondidos nos seus papelões, a sua utilidade é das mais restritas, pois só os tiramos, um de cada vez, quando algum erudito solicitá-lo por ventura. Isto não é suficiente. Que trabalhos, tirando aqueles de análise, pode produzir a consulta de documentos isolados? Os estudos comparados que a sua vista simultânea permitiria terão sem dúvida também seu valor. E, pois, no nosso século de instrução democrática, não devemos fazer luz sobre a obra humana tal vez a mais grande e a mais importante de todas, aquela que, iniciada no profundo alongamento dos séculos, persegue-se ainda nos nossos dias com paixão: a descoberta da Terra?³¹

- 33 Perron esforça-se também, no seio da SGG, para que a proposta de abrir novos museus cartográficos seja levada ao Congresso Internacional de Geografia previsto para 1908 em Genebra. Como testemunham as atas manuscritas do seu Comitê, abertas recentemente para a consulta na BGE (enquanto as sessões plenas estão publicadas na revista *Le Globe* [*O Globo*]), a Sociedade aceita esta proposição.
- 34 Numa entrevista que tem com o Presidente, como resultado da decisão do Comitê do 7 de junho, M. Perron explicou quele deseja: 1) que o congresso decida mandar fazer fac-similares das cartas raras antigas com o fim de conservá-las e de permitir a formação de museus; 2) que um organismo seja constituído para o estudo das vias e os meios e que,

com este fim, seja preparada a redação dum projeto a ser apresentado ao Congresso pela Sociedade de Geografia. Decide-se examinar as propostas a serem feitas ao Congresso no sentido que antecede.³²

- 35 Perron participa neste Congresso, onde é nomeado membro duma comissão encarregada de examinar as condições para a reprodução e a disposição pública dos “monumentos cartográficos da humanidade”.

O Nono Congresso Internacional de Geografia expressa o desejo de que as sociedades de geografia procurem interessar os governos de seus respectivos países na restauração dos monumentos cartográficos da Antiguidade, da Idade Média e da Renascença, documentos de grande valor científico, e que o tempo ameça destruir. O Congresso nomeia os senhores Nordenskjöld, K. Miller, G. Marcel, E. Oberhummer e C. Perron membros de uma Comissão que tem por mandato centralizar os resultados obtidos neste ordem de ideias, apresentar ao próximo congresso um catálogo fornecendo o estado geral da reprodução de cartas antigas em fac-símile, e determinar em ordem de importância os documentos cartográficos antigos cuja restituição seja particularmente desejável. A Comissão poderá ajuntar, por cooptação, membros provenientes de diversos países que possuam documentos cartográficos.³³

- 36 Entre os membros cooptados acha-se um cartógrafo francês e autor de manuais de geografia escolar, Franz Schrader, que é aliás primo de Reclus e um dos últimos sobreviventes, no momento, da antiga rede de colaboradores da NGU.³⁴

- 37 Perron morre em 1909, mas o Museu fica aberto sob a direção de Charles Schöndelmayer: “nesta época, mais de seiscentas pessoas visitavam cada ano o Museu Cartográfico”.³⁵ No entanto, uma vez falecido seu animador infatigável, o Museu declina gradualmente: o número de visitantes diminui, os horários de abertura reduzem-se, e a instituição é fechada em 1922 “como medida econômica”.³⁶

Conclusão

- 38 Se bem a história do Museu Cartográfico é claramente o resultado do esforço voluntarista dum geógrafo heterodoxo como Perron, militante anarquista e sobrevivente da rede de militantes e exilados que tinha animado a Federação de Jura e também trabalhado na NGU, insere-se no entanto, apesar da sua excepcionalidade, em condições históricas bem precisas.
- 39 Em primeiro lugar, trata-se do período em que são construídas as instituições educativas nacionais destinadas a servir toda a população: como temos dito, os anarquistas colaboram com as vanguardas do movimento da educação popular e laica, como William Rosier no caso da Genebra. O movimento dos museus e das exposições insere-se neste contexto cultural; não é acaso que a Cidade de Genebra tivesse já uma Delegação de exposições e museus (sob a responsabilidade de Piguet-Fagues) com a qual Perron podia dialogar.
- 40 A especificidade suíça e genebrina joga também um papel. Genebra tem sido por vários séculos lugar de refugio de exilados políticos de toda a Europa: é o encontro em terra helvética nos anos de 1870 entre exilados russos e eslavos perseguidos pelo regime czarista e franceses refugiados após a Comuna de 1871 o que faz possível ao mesmo tempo a constituição do movimento anarquista organizado³⁷ e o estabelecimento da rede que trabalhou na NGU.

- 41 Perron explora com certa astúcia seu *status* de único genebrês “nato” da rede: seu relevo da Suíça, segundo François Walter, é uma mostra típica das “figuras paisagísticas da nação”³⁸ adotadas então em toda a Europa, e recebe para aquilo o apoio dos meios científicos locais. O contraste entre o cartógrafo genebrês e seus colegas zuriquenses, por outro lado, ganha-lhe o apoio de Suchard: há em vários níveis dinâmicas “nacionais” na obra.
- 42 No tocante à organização do Museu Cartográfico, Perron aplica todavia critérios relativamente originais: se duas seções são tipicamente consagradas à Suíça e ao Cantão de Genebra, a maior parte da exposição constrói-se entorno de representações do mundo. Enquanto na Suíça, como no resto da Europa, criam-se museus etnográficos fundados na separação entre o Aqui europeu e dominador e o Acolá selvagem e dominado,³⁹ Perron é um dos raros cientistas que abordam a história das representações do mundo segundo o princípio de unidade humana, sem estabelecer hierarquias entre as representações produzidas por culturas diferentes (mesmo que a maioria destes mapas sejam de produção europeia, por uma evidente questão da busca das peças a serem expostas).
- 43 Fica claro também, por fim, por que os geógrafos anarquistas, críticos da carta plana, dão uma importância tal a este objeto: é porque são cientes do valor estratégico da representação cartográfica e da sua utilidade como fonte para o que hoje pode chamar-se de “história cultural da humanidade” que os mapas tinham de ter um lugar central no seu projeto de educação popular.
- 44 O fundo Reclus-Perron, que conta cerca de 10.000 cartas, encontra-se depositado atualmente no Departamento de Cartas e Planos da Biblioteca de Genebra, onde só é acessível mediante consulta agendada. No entanto, nos últimos anos a atenção por parte de pesquisadores e instituições tem aumentado, e o projeto *Écrire le Monde Autrement* [Escrever o Mundo Duma Outra Forma], que inicia em setembro de 2012 no Departamento de Geografia da Universidade de Genebra, [<http://www.unige.ch/ses/geo/index.html>], propõe-se começar a exploração desta coleção de fontes cuja análise encontra-se apenas nos começos.

BIBLIOGRAPHY

- ALAVOINE-MULLER S. Un globe terrestre pour l'Exposition universelle de 1900. L'utopie géographique d'Élisée Reclus. *L'Espace géographique*. v. 31, p. 156-170, 2003.
- CODELLO Francesco. **La buona educazione: esperienze libertarie e teorie anarchiche in Europa da Godwin a Neill**. Milano: Angeli, 2005.
- DUBOIS Patrick. **Le Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire de Ferdinand Buisson : répertoire biographique des auteurs**. Paris-Lyon-Rouen : Institut National de recherche pédagogique, 2002.
- DUNBAR G. Élisée Reclus and the Great Globe. In DUNBAR Gary (ed.). **The History of Geography**. New York: Dodge-Graphic Press Inc., 1996, p. 12-22.

- ENCKELL M. Élisée Reclus inventeur de l'anarchisme. In CREAGH Ronald et alii (ed.). **Élisée Reclus - Paul Vidal de la Blache. Le géographe, la cité et le monde, hier et aujourd'hui. Autour de 1905**. Paris: L'Harmattan, 2009, p. 39-44.
- FERRETTI Federico. **Il mondo senza la mappa, Élisée Reclus e i geografi anarchici**. Milano: Zero in Condotta, 2007.
- FERRETTI F. **Charles Perron, le cartographe de la "juste représentation du monde"**. *Visions Cartographiques/Le Monde Diplomatique*, 2010, [http://blog.monediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste].
- FERRETTI Federico. **Anarchici ed editori, reti militanti, editoria e lotte culturali attorno alla Nuova Geografia Universale di Élisée Reclus**. Milano : Zero in Condotta, 2011.
- FERRETTI F. **L'Occident d'Élisée Reclus, l'invention de l'Europe dans la Nouvelle Géographie Universelle**. Paris : 2011. Thèse soutenue sous la direction de Marie-Claire Robic.
- FISCHER C., MERCIER C., RAFFESTIN C. **Entre la politique et la science, un géographe genevois : William Rosier**. *Le Globe*, v. 143, p. 13-25, 2003.
- JANKOVIC N. Introduction. In RECLUS Élisée. **Projet de globe au 100.000**. Paris : Éditions B2, 2011, p. 7-41.
- JUD Peter. **Élisée Reclus und Charles Perron, Schöpfer der "Nouvelle Géographie Universelle" : ein Beitrag zur geographischen Wissenschaftshistoire des 19. Jahrhunderts**. Zürich, 1987.
- PELLETIER Philippe. **Élisée Reclus, géographie et anarchie**. Paris : Éditions du Monde Libertaire, 2009.
- REUBI Serge. **Gentlemen, prolétaires et primitifs : institutionnalisation, pratiques de collection et choix muséographiques dans l'ethnographie suisse, 1880-1950**. Bern, Lang, 2011.
- TSIOLI BONDENMANN M. Cartes et Plans. In **Patrimoines de la Bibliothèque de Genève**. Genève, Slatkine, 2006, p. 189-197.
- WALTER François. **Les figures paysagères de la nation, territoire et paysage en Europe (16^e – 20^e siècle)**. Paris : Éditions de l'EHESS, 2004.

APPENDIXES

Arquivos

Bibliothèque de Genève (BGE) - Département des Manuscrits ; Département des Cartes et Plans.

Paris - Institut Français d'Histoire Sociale (IFHS), 14 AS 232, Correspondance d'Élisée Reclus.

Fontes impressas

DE CLAPARÈDE A. Un Nouveau Procédé de construction des reliefs employé par M. C. Perron, Cartographe à Genève. In *Sonderabdruck aus den Verhandlungen des VII Internationalen Geographen-Kongresses in Berlin*, 1899. Berlin: 1900, p. 941-945.

GUILLAUME James. *L'Internationale, documents et souvenirs*. Paris : Lebovici, 1985.

- Neuvième Congrès International de Géographie. Genève, 27 juillet – 6 août 1908. Résolutions et vœux votés par l'assemblée des délégués le lundi 3 août et le jeudi 6 août 1908. Genève : Société Générale d'imprimerie, 1908 [Annexe au tome XLVIII du *Globe*].
- PERRON Charles. De l'obligation en matière d'instruction. Genève : Imprimerie Vaney, 1868.
- PERRON Ch. La bibliothèque cartographique de M. Élisée Reclus. *Le Globe. Organe de la Société de Géographie de Genève*. v. 30, p. 162-163, 1891.
- PERRON Charles. Des reliefs en général et du relief au 100.000^e de la Suisse en particulier, mémoire adressé au Jury de la Cartographie à l'Exposition universelle de 1900 à Paris. Genève : Stampelhor, 1900.
- PERRON Ch. Collection Cartographique de la Bibliothèque Publique. *Le Globe. Organe de la Société de Géographie de Genève*. v. 43, p. 38-45, 1904.
- PERRON Charles. Catalogue descriptif du Musée cartographique / Dépôt des cartes de la Ville de Genève. Genève : Imprimerie Romet, 1907.
- PERRON Charles. Une étude cartographique. *Les Mappemondes*. Paris : Éd. de la Revue des Idées, 1907.
- RECLUS Élisée. Projet de construction d'un globe terrestre à l'échelle du cent-millième. Paris : Edition de la Société Nouvelle, 1895.
- RECLUS É. On spherical maps and reliefs. *The Geographical Journal*. n. 3, p. 290-293, 1903.

NOTES

1. FERRETTI F. **Charles Perron, le cartographe de la “juste représentation du monde”**. *Visions Cartographiques/Le Monde Diplomatique*, 2010, [<http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>].
2. FERRETTI Federico. **Anarchici ed editori, reti militanti, editoria e lotte culturali attorno alla Nuova Geografia Universale di Elisée Reclus**. Milano : Zero in Condotta, 2011; JUD Peter. **Élisée Reclus und Charles Perron, Schöpfer der “Nouvelle Géographie Universelle” : ein Beitrag zur geographischen Wissenschaftshistoire des 19. Jahrhunderts**. Zürich, 1987; PELLETIER Philippe. **Élisée Reclus, géographie et anarchie**. Paris : Éditions du Monde Libertaire, 2009.
3. PERRON Ch. La bibliothèque cartographique de M. Élisée Reclus. **Le Globe. Organe de la Société de Géographie de Genève**. v. 30, p. 162, 1891.
4. CODELLO Francesco. **La buona educazione: esperienze libertarie e teorie anarchiche in Europa da Godwin a Neill**. Milano: Angeli, 2005.
5. PERRON Charles. **De l'obligation en matière d'instruction**. Genève : Imprimerie Vaney, 1868.
6. GUILLAUME James. **L'Internationale, documents et souvenirs**. Paris : Lebovici, 1985, vol. IV, p. 147.
7. DUBOIS Patrick. **Le Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire de Ferdinand Buisson : répertoire biographique des auteurs**. Paris-Lyon-Rouen : Institut National de recherche pédagogique, 2002.
8. FISCHER C., MERCIER C., RAFFESTIN C. **Entre la politique et la science, un géographe genevois : William Rosier**. *Le Globe*, v. 143, p. 17, 2003.

9. TSIOLI BONDENMANN M. Cartes et Plans. In **Patrimoines de la Bibliothèque de Genève**. Genève : Slatkine, 2006, p. 191.
10. É RECLUS Élisée. **Projet de construction d'un globe terrestre à l'échelle du cent-millième**. Paris : Edition de la Société Nouvelle, 1895, pp. 3-4.
11. ALAVOINE-MULLER S. Un globe terrestre pour l'Exposition universelle de 1900. L'utopie géographique d'Élisée Reclus. **L'Espace géographique**. v. 31, p. 156-170, 2003; DUNBAR G. Élisée Reclus and the Great Globe. In DUNBAR Gary (ed.). **The History of Geography**. New York: Dodge-Graphic Press Inc., 1996, p. 12-22; FERRETTI Federico. **Il mondo senza la mappa, Élisée Reclus e i geografi anarchici**. Milano: Zero in Condotta, 2007; JANKOVIC N. Introduction. In RECLUS Élisée. **Projet de globe au 100.000**. Paris : Éditions B2, 2011, p. 7-41.
12. Bibliothèque de Genève (BGE), Dép. des Manuscrits, Ms. Suppl. 119, *lettre d'E. Reclus à Ch. Perron, 1 déc. 1895* [Biblioteca de Genebra (BGE), Departamento de Manuscritos, Ms. Suppl. 119, *carta de É. Reclus a Ch. Perron, 1 de dezembro de 1895*] [P.R. São as iniciais de Paul Reclus, engenheiro, sobrinho de Élisée e encarregado da parte técnica do projeto.]
13. BGE, Dép. des Manuscrits, Ms. Fr. 7996/2, Société de Géographie, Procès-verbaux des séances du Bureau, 1890-97, séance du 4 avril 1894 [BGE, Departamento de Manuscritos, Sociedade de Geografia, Atas das sessões do Comitê, 1890-97, sessão de 4 de abril de 1894].
14. Ibid., sessão de 15 de maio de 1894.
15. PERRON Charles. **Des reliefs en général et du relief au 100.000^e de la Suisse en particulier, mémoire adressé au jury de la Cartographie à l'Exposition universelle de 1900 à Paris**. Genève : Stampelhor, 1900, pp. 7-8.
16. DE CLAPARÈDE A. Un Nouveau Procédé de construction des reliefs employé par M. C. Perron, Cartographe à Genève. In **Sonderabdruck aus den Verhandlungen des VII Internationalen Geographen-Kongresses in Berlin, 1899**. Berlin: 1900, p. 941.
17. BGE, Dép. des Manuscrits, Archives Baud-Bovy 270/4, ff. 146-148, lettre de Ch. Perron à D. Baud-Bovy, 5 fév. 1901. [BGE, Departamento de Manuscritos, Arquivos Baud-Bovy 270/4, ff. 146-148, carta de Ch. Perron a D. Baud-Bovy, 5 de fevereiro de 1901.]
18. Ibid.
19. Institut Français d'Histoire Sociale (IFHS), 14 AS 232, Correspondance d'Élisée Reclus, lettre d'É. Reclus à Ch. Perron, 17 juil. 1897. [Instituto Francês de História Social (IFHS)], 14 AS 232, Correspondência de Élisée Reclus, carta de Élisée Reclus a Ch. Perron, 17 de julho de 1897.]
20. RECLUS É. On spherical maps and reliefs. **The Geographical Journal**. n. 3, p. 290, 1903.
21. FERRETTI Federico. **Il mondo senza la mappa**, cit.
22. TSIOLI BONDENMANN M. Cartes et Plans, cit. p. 191.
23. PERRON Ch. Collection Cartographique de la Bibliothèque Publique. **Le Globe. Organe de la Société de Géographie de Genève**. v. 43, p. 41, 1904.
24. Ibid., p. 39.
25. BGE, Dép. des Manuscrits, Biographies Genevoises, 1909, Charles Perron. [BGE, Departamento de Manuscritos, Biografias Genebresas, 1909, Charles Perron]
26. TSIOLI BONDENMANN M. Cartes et Plans, cit. p. 189.
27. Ibid., p. 190.
28. PERRON Charles. **Catalogue descriptif du Musée cartographique / Dépôt des cartes de la Ville de Genève**. Genève : Imprimerie Romet, 1907, p. 3.
29. BGE, Dép. des Manuscrits, Ms. Suppl. 119, lettre d'E. Reclus à Ch. Perron, 9 nov. 1902. [BGE, Departamento de Manuscritos, Ms. Suppl. 119, carta de E. Reclus a Ch. Perron, 9 de novembro de 1902.]
30. PERRON Charles. **Catalogue descriptif du Musée cartographique**, cit., p. 5.
31. PERRON Charles. **Une étude cartographique. Les Mappemondes**. Paris : Éd. de la Revue des Idées, 1907, p. 44.

32. BGE, Dép. des Manuscrits, Ms. Fr. 7996/3 Société de Géographie, Procès-verbaux des séances du Bureau 1907-1916, Séance du 5 juillet 1907 [BGE, Departamento de Manuscritos, Ms. Fr. 7996/3, Sociedade de Geografia, Atas das sessões do Comitê, 1907-1916, sessão de 5 de julho de 1907].
33. Neuvième Congrès International de Géographie. Genève, 27 juillet – 6 août 1908. **Résolutions et vœux votés par l'assemblée des délégués le lundi 3 août et le jeudi 6 août 1908.** Genève : Société Générale d'imprimerie, 1908, p. 22-23.
34. FERRETTI F. **L'Occident d'Élisée Reclus, l'invention de l'Europe dans la Nouvelle Géographie Universelle.** Paris : 2011. Thèse soutenue sous la direction de Marie-Claire Robic.
35. TSIOLI BONDENMANN M. Cartes et Plans, cit., p. 191.
36. Ibid., 192.
37. ENCKELL M. Élisée Reclus inventeur de l'anarchisme. In CREAGH Ronald et alii (ed.). **Élisée Reclus - Paul Vidal de la Blache. Le géographe, la cité et le monde, hier et aujourd'hui. Autour de 1905.** Paris: L'Harmattan, 2009, p. 39-44.
38. WALTER François. **Les figures paysagères de la nation, territoire et paysage en Europe (16^e – 20^e siècle).** Paris : Éditions de l'EHESS, 2004.
39. REUBI Serge. **Gentlemen, prolétaires et primitifs : institutionnalisation, pratiques de collection et choix muséographiques dans l'ethnographie suisse, 1880-1950.** Bern, Lang, 2011.
-

ABSTRACTS

Este artigo trata da constituição do Museu Cartográfico da Cidade de Genebra, aberto de 1907 a 1922 a partir do fundo cartográfico de Charles Perron e Élisée Reclus. Nos reconstruímos esta experiência pela análise de fontes publicadas e inéditas, problematizando a relação entre geografia e educação popular, e o papel da cartografia nas concepções científicas destes geógrafos.

Este artículo trata de la constitución del Museo Cartográfico de la Ciudad de Ginebra, abierto entre 1907 y 1922 con base en el fondo cartográfico de Charles Perron y Élisée Reclus. Reconstruimos esta experiencia a través del análisis de fuentes publicadas e inéditas, problematizando la relación entre geografía y educación popular, y el papel de la cartografía en las concepciones científicas de estos geógrafos.

Cet article aborde la constitution du Musée Cartographique de la Ville de Genève, ouvert entre 1907 et 1922 à partir du fonds cartographique de Charles Perron et d'Élisée Reclus. À travers l'analyse de sources éditées et inédites, nous reconstruisons cette expérience en nous interrogeant sur le rapport entre géographie et éducation populaire, et sur le rôle de la cartographie dans la démarche de ces géographes.

Reclus, histoire de la cartographie, histoire de l'éducation géographique

This paper deals with the foundation of the Cartographic Museum of Geneva, open from 1907 to 1922 and based on the cartographic collection of Charles Perron and Élisée Reclus. We reconstruct this experience by the analysis of edited and unedited sources, questioning the relationship between geography and popular education, and the role of cartography in the scientific strategy of these geographers.

INDEX

Keywords: Reclus, history of cartography, history of geographic education

Geographical index: Genebra

Chronological index: 1907, 1922

Palabras claves: historia de la cartografía, historia de la educación geográfica

Palavras-chave: história da cartografia, história da educação geográfica

AUTHORS

FEDERICO FERRETTI

Doutor em Geografia, pesquisador da Universidade de Genebra, Departamento de Geografia e Ambiente, membro da UMR 8504 Géographie-cités, equipe EHGO.

federico.ferretti@unige.ch